



Livro de artista como catarse emocional: construção com técnicas têxteis e tingimento natural¹⁰

GABRIELE JUSTINO SOMMER
JOEDY LUCIANA BARROS MARINS BAMONTE

DOI 10.52050/9788579176395.c9

¹⁰ Conteúdo parcial da pesquisa “Livro de Artista – construção com técnicas têxteis e tingimento natural: catarse emocional”, apresentada como trabalho de conclusão de curso para obtenção de graduação em Artes Visuais – bacharelado, na Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicações e Design, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, em 2023, sob orientação da Prof^a Dr^a Joedy Luciana Barros Marins Bamonte.



Introdução

As presentes linhas trazem como seu propósito principal, o uso da expressão artística dos livros de artista como um meio para concretizar e obter uma compreensão mais nítida de sentimentos, de maneira mais específica, meus, Gabriele Justino Sommer, sob orientação da Prof^a Dr^a Joedy Bamonte.

A afeição pelos livros de artista surgiu durante a segunda metade da disciplina de Texto-Imagem no segundo semestre de 2021, período em que cursava bacharelado em Artes Visuais. A decisão de concentrar-me nesse tema foi motivada pelas crises de ansiedade, pânico e depressão, agravadas significativamente pela pandemia e pelo subsequente isolamento devido ao COVID-19.

Nesse contexto, a criação de um livro se tornou um refúgio valioso e uma abordagem concreta e prática para lidar com e compreender meus sentimentos. Para a pesquisa, foi examinada a contínua evolução da história do livro de artista, abrangendo tanto o cenário brasileiro quanto o internacional. Além disso, foi enfocada a questão do apagamento do livro de artista como uma categoria artística.

No texto, uma seção destacou a importância de Julio Plaza na cena artística brasileira, enfatizando suas experimentações e investigações contínuas, que visavam constantemente explorar os limites do que a arte poderia oferecer, especialmente no contexto do livro de artista. Além disso, as contribuições de Plaza foram investigadas para a consolidação do termo no cenário

artístico brasileiro. Em paralelo, foram estudados outros artistas que exerceram uma influência significativa para em meu processo criativo durante a produção do meu livro de artista, tanto em termos de estética quanto de temas.

No decorrer do trabalho, o processo criativo que adotei foi delineado e colocada em destaque a criação de um diário gráfico como uma ferramenta fundamental para observar e analisar as escolhas que tiveram um impacto significativo em minhas obras. Nesse contexto, eu exploro como os sentimentos e eventos do meu dia a dia, assim como as experiências da minha infância, exercem influência e servem de fonte de inspiração para as minhas criações e a seleção dos temas abordados. Cada fase do processo é minuciosamente detalhada, revelando as decisões tomadas ao longo da produção, e incluindo uma reflexão sobre a revisitação de lugares familiares, bem como daqueles que haviam sido esquecidos ou negligenciados, com o devido reconhecimento da sua importância. Desta maneira, procuro enfatizar como as minhas referências pessoais ressoam nas escolhas que guiam a minha poética.

Livro de Artista: conceito e contexto

O conceito de “livro de artista moderno” surgiu no final do século 19, diferenciando-se dos livros tradicionais, particularmente os “livros ilustrados” e das obras dos principais movimentos artísticos da primeira metade do século vinte. O livro de artista contemporâneo, em contraste, é uma criação que reflete a visão ampla e experimental de seu autor, muitas vezes desafiando a ordem estabelecida.

Essa forma de arte contemporânea subverte a ideia de que um livro é apenas um objeto literário intocável. Muitos artistas, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, exploram a ideia de desafiar a visão sacralizada do livro, que tem raízes na tradição católica, representando-o como um objeto imaculado. O termo “livros-objetos” foi introduzido por Castleman e descreve obras que incluem textos em contêineres não convencionais. Para ela, os “livros de

artista” são obras onde a imaginação do artista transcende o texto, traduzindo-o para uma linguagem que carrega significados além das palavras. Os artistas conceituais adotaram o livro de artista como uma importante forma de expressão. O termo “livro de artista” foi cunhado por Dick Higgins em 1969, e ele o apresentou como uma forma interdisciplinar de arte que abrange diversas técnicas, linguagens e categorias artísticas.

O livro de artista é uma forma que transcende as categorias tradicionais de literatura e artes plásticas, combinando elementos de ambas. Sua origem como categoria remonta ao final do século 19, mas seu sentido moderno e amplo foi desenvolvido no final do século 19, em meio a uma expressão cultural fragmentada no século vinte. Clive Phillpot, em seu artigo “ABC of Artist’s Books Collections” (1892), descreve várias categorias relacionadas ao livro de artista: o livro de arte concentra-se no tema da arte ou de um artista específico; a arte do livro usa a forma do livro como meio de expressão; o livro de artista envolve o artista desempenhando o papel de autor e surgiu na década de 1970; o livro-obra depende da estrutura de um livro e foi cunhado em 1975; o livro objeto faz referência à aparência formal de um livro.

Phillpot também propôs uma classificação mais recente para os livros de artista, dividindo-os em três categorias: livros que mantêm características formais tradicionais; livros-obra que misturam técnicas de artes plásticas e editoriais; livros-objeto que têm características escultóricas e perdem sua funcionalidade como livros formais.

Inicialmente, os livros de artista valorizavam a integração de todas as partes da obra, em vez de considerar cada página isoladamente. É um campo artístico que combina elementos da literatura e das artes visuais, desafiando classificações simples. Edward Ruscha é frequentemente considerado um pioneiro nesse campo com obras como “Twentysix Gasoline Stations” (1962) e “Royal Road Test” (1967).

No entanto, Johanna Drücker argumenta que o livro de artista não tem uma única origem clara, pois emerge de várias fontes e pontos de vista. Riva Castleman sugere que o surgimento desse conceito está relacionado ao

aparecimento de editoras na Europa e nos Estados Unidos na década de 1960. Há ainda debates sobre qual obra pode ser considerada o ponto inicial do livro de artista, sem uma conclusão definitiva.

Além disso, a existência do termo “*livres d’artiste*” em francês, referindo-se a livros ilustrados por artistas, contribuiu para a confusão quando o termo em inglês “book of artist” foi introduzido. O jazz também desempenhou um papel importante na concepção desse campo artístico. Artistas como Matisse utilizaram técnicas como o estêncil, enquanto Leonardo da Vinci catalogou seus experimentos em cadernos de criação. Apenas no início do século 20 esses cadernos começaram a ser considerados obras de arte por si só.

Uma exposição no Rio de Janeiro em 1992, chamada “A Arte do Livro nos Estados Unidos”, causou choque entre os visitantes, que esperavam ver livros de luxo e exemplares de bibliófilos, mas encontraram obras de artistas que desafiavam as expectativas, muitas vezes ferindo tanto o tato quanto a visão. Essa exposição destacou a natureza desafiadora e diversificada do livro de artista. Nele há uma abordagem na classificação dos livros de artista na visão brasileira, dividindo-os em três categorias: “livros de artistas” propriamente ditos, também chamados de “livros-obras”; “livros literários”, que não têm valores plásticos evidentes; e “livros-objetos”, que são obras escultóricas desprovidas de elementos bibliográficos.

O cenário brasileiro de produção de livros de artistas é influenciado pelo movimento vanguardista concretista, que chegou ao país na década de 1950. O concretismo valoriza a forma sobre o conteúdo, buscando uma exploração poética do espaço e uma perspectiva racional. A liderança do movimento concretista em São Paulo, foi liderado por Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari, que fundaram a Revista “Noigandres” em 1956 para divulgar suas ideias. Uma obra importante na história do livro de artista brasileiro é “Poemóbiles” de Augusto de Campos e Julio Plaza, que utiliza recortes e dobraduras para criar efeitos tridimensionais e movimentar os poemas.

A grande influência das técnicas de gravura e a criação de livros singulares no cenário brasileiro, destacando principalmente artistas como Hélio

Fervenza, Ricardo Campos e Otacílio Camilo. A série de Cadernos Livros de Barrio, iniciada em 1966, também é mencionada como uma referência na concepção dos livros de artista no Brasil, especialmente o livro “Livro de Carne” de 1978-1979. Esses artistas ampliam sua área de atuação para além das fronteiras nacionais, buscando influências e correntes artísticas internacionais. Uma exposição em 1985 chamada “Tendências do Livro de Artista no Brasil” trouxe à tona questões importantes sobre a falta de reconhecimento e visibilidade dessa forma de arte no país.

Artistas referentes

Os artistas mencionados a seguir constituem referências no decorrer do processo criativo do livro de artista, objeto de pesquisa do presente texto. São eles: Julio Plaza González, Lia do Rio e Laure Mersch.

Julio Plaza González (1938-2003) foi um artista multidisciplinar e pesquisador, notório por suas inovações na interseção entre arte e tecnologia. Ele explorou diversas formas de mídia, incluindo vídeo, gráficos computacionais, holografia e muito mais. Julio Plaza dedicou-se à comunicação por meio dessas tecnologias e procurou expandir os horizontes da arte contemporânea. Ele acreditava que os artistas deveriam criar experiências significativas e interativas que envolvessem o público, em vez de se limitarem à criação de objetos de arte.

Para ele, o papel do artista era o de interferir na percepção da realidade, tornando-se um criador de situações em vez de simplesmente criar objetos acabados. Acreditava que o artista deveria utilizar sua criação como uma forma de impactar a experiência e a percepção do público, buscando uma relação mais ativa e participativa com a arte. Essa abordagem ressalta a importância de envolver o espectador, estimulando-o a refletir e interagir com a obra, proporcionando uma experiência mais significativa e enriquecedora. Dessa forma, meu objetivo era criar uma obra que adotasse a mesma

abordagem empregada por Plaza, buscando incentivar o espectador a interagir com o livro de artista, observar, refletir e ser transformado pelo tema desenvolvido.

Figura 1 - Julio Plaza, *Objetos* (detalhe), 1968/69



Fonte: em colaboração com Augusto de Campos. Serigrafias e recortes. Editor: Julio Pacello, São Paulo. Disponível em: Acesso em 04 de jan 2023.

Em seus trabalhos, Plaza adotou uma abordagem ampla e multidisciplinar, quebrando barreiras entre diferentes formas de expressão. Ele também foi um pioneiro na classificação de livros de artistas, reconhecendo a diversidade desse campo. Sua visão abrangeu desde os livros que mesclam texto e imagem de forma sinérgica até obras mais analíticas e discursivas, que promovem a reflexão crítica sobre questões sociais, políticas e culturais.

Lia do Rio Cardoso Costa, também conhecida como Lia do Rio, é uma artista nascida em São Paulo em 1930 e atualmente residente no Rio de Janeiro. Inicialmente focada na pintura, suas obras evoluíram para uma dimensão tridimensional, incorporando elementos que se assemelham a janelas. Ela encontrou inspiração em materiais descartados nas ruas e começou a criar suas obras diretamente nos espaços de exibição. Sua abordagem lembra a corrente artística Land Art, que utiliza recursos naturais e o ambiente para criar arte. No entanto, Lia combina materiais naturais e industriais em suas

obras, ampliando sua escala e proporcionando uma experiência imersiva que se integra harmoniosamente ao ambiente circundante.

Conforme sua prática artística se desenvolveu, Lia passou a intervir diretamente na paisagem, usando folhas secas disponíveis para criar obras que não destacam o material em si, mas sim questões subjacentes. Ela utiliza folhas caídas como símbolos que conectam tempos distintos, representando transformação, vida, memória e morte. Suas obras evocam memórias do passado e expectativas para o futuro, transmitindo uma mensagem simbólica por meio de materiais naturais. Gradualmente, a atemporalidade emerge de suas obras, onde tenta captar o tempo e sua essência. Existe uma semelhança marcante entre a temática que desenvolvo em meu trabalho e a abordagem de Lia.

A identificação com a obra da artista advém do fato de eu também buscar expressar meus sentimentos por meio das significações que os elementos naturais e objetos carregam. Por meio das folhagens presentes nos ambientes e fotografias de momentos especiais que evocam meu lar, procuro assim acessar a essência das minhas memórias e transmiti-las de forma tangível e emotiva. Sua obra *Sem título* (1994) causou um impacto profundo em minha própria produção artística. Trata-se de um livro completamente composto por folhas secas de cacaueteiro, o livro é apresentado em um atril ou suporte de madeira de grande porte. Embora possa parecer quebradiço à primeira vista, porém o livro não é realmente frágil, pois as folhas utilizadas são surpreendentemente resistentes, revelando uma delicadeza e efemeridade que se assemelham ao tema central explorado ao longo de meu livro de artista: a fragilidade da vida. Essa obra exemplifica de maneira marcante como a escolha dos materiais pode transmitir de forma poderosa e evocativa uma mensagem tão significativa.

Figura 2 - Lia do Rio. Sem título, 1991. Colagem de esqueletos de folhas.



Fonte: [https://www.obrasdarte.com/exposicao-no-museu-da-republica-celebra-40-anos-de-trajetoria-de-lia-do-rio/#prettyPhoto\[gallery\]/2/](https://www.obrasdarte.com/exposicao-no-museu-da-republica-celebra-40-anos-de-trajetoria-de-lia-do-rio/#prettyPhoto[gallery]/2/). Acesso em: 31 mai 2023.

Laure Mersch é uma artista sobre quem não existem muitas informações disponíveis. No entanto, seu livro de artista intitulado “*Il est déjà demain*” (*It's already tomorrow*) teve um impacto significativo nas páginas finais da minha própria obra. A narrativa presente em seu trabalho se assemelha em alguns aspectos aos temas abordados no meu livro. A forma como Mersch utilizou a paisagem e a transparência do papel para criar uma atmosfera dramática e sensível trouxe um profundo significado à sua obra. Essa abordagem ressoou fortemente em minha própria produção, trazendo uma nova camada de expressividade e tornando-se uma fonte de inspiração importante.

Figura 3 - Laure Mersch, “Il est déjà demain” (*It's already tomorrow*).



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/830773462512062195/>. Acesso em: 12 abr 2023.

O design do livro busca enfatizar a sutileza e a fragilidade do tema, utilizando papel transparente tanto para a capa mole quanto para as fotos das paisagens dentro do livro. Essas imagens de paisagem não estão fixas e podem ser movidas dentro do livro, enriquecendo ou interrompendo a narrativa conforme desejado. Essa abordagem proporciona uma experiência interativa e fluida para o leitor, permitindo que a história se desenvolva de maneira personalizada. Devido à semelhança temática entre nossos trabalhos, senti o desejo de explorar a dualidade abordada por Laure Mersch. Fiquei particularmente intrigada com a forma inusitada com que ela discute a sutileza e a fragilidade. Essa abordagem única despertou minha curiosidade e me incentivou a refletir sobre como posso abordar esses elementos de maneira igualmente surpreendente em minha própria produção.

Produção do Livro

A impressão botânica no tecido para a capa de um livro foi inspirada em plantas lilases e azuis, como lavanda, lírio azul, jacinto e folhagens como costela de adão, hera, guaimbê/xanadu e filodendro. A planta escolhida foi a Hera (*Hedera helix* L.) devido à sua presença constante nos lares do autor, evocando sentimentos de lar e família, bem como sua capacidade simbólica de purificação de energias.

Para criar a estamperia da capa, a xilogravura em madeira foi originalmente considerada, mas devido à complexidade, o EVA foi escolhido devido à sua acessibilidade e facilidade de entalhe. Em vez de flores melancólicas, como o jacinto, gerânio escuro, cravo-de-defunto e lírio aranha, a capa apresenta a mariposa lua de Madagascar, simbolizando tanto a morte quanto a transformação, o que contrasta com o conteúdo interno do livro, que explora temas melancólicos.

A contracapa apresenta um padrão de desenho que representa a união e a diversidade de experiências na obra, enfatizando a importância da

colaboração e da multiplicidade de perspectivas. A transformação da mariposa serve como metáfora para a evolução humana, destacando a ideia de que todos passamos por ciclos de nascimento, desenvolvimento e “morte” de situações ou ideias, deixando para trás nossos casulos corporais e emocionais. A capa simbolicamente representa o início da jornada de autodescoberta e renovação, enquanto a contracapa celebra a transformação dessas emoções.

Figuras 4, 5 e 6 - Gabriele Justino Sommer. Capa, página um, página quatro, 2023.



Fonte: Página do livro de artista, acervo pessoal.

O livro de artista “A linguagem das Flores” (1992), editado por Sheila Pickles, desempenhou um papel crucial na criação da obra, abordando três temas fundamentais: o livro como objeto, ilustração/arte e natureza. As cores e a técnica de tingimento usadas nas primeiras páginas do livro foram harmonizadas com a capa e a contracapa, visando criar uma conexão visual coesa em toda a obra. O poema transcrito nas páginas foi escolhido estrategicamente, pois faz referência à planta hera usada na impressão botânica, estabelecendo uma ligação temática entre o conteúdo do poema e as estampas das plantas. Isso resulta em uma interconexão significativa entre a técnica de tingimento e o conteúdo poético, enriquecendo a experiência do livro de artista e fortalecendo a relação entre os elementos visuais e textuais.

As páginas seguintes apresentam uma ilustração de uma mariposa, cuja escolha se baseia em sua conotação simbólica associada à morte. Essa representação visual busca transmitir um significado relacionado ao tema do livro, amplificando as sensações transmitidas pelo poema sombrio. As cores das ilustrações foram escolhidas para comunicar eficazmente as emoções evocadas pelo poema.

Na última página do poema, as ilustrações retratam pássaros em posições que sugerem imobilidade ou morte, reforçando a temática sombria do livro. Uma padronagem foi aplicada para adicionar peso visual, e a cor vermelha foi usada para acentuar a associação com a morte dessas figuras. Esses elementos visuais foram selecionados com cuidado para criar um impacto profundo e enfatizar a temática representada no livro de artista.

Na produção da página cinco à oito, o bordado foi produzido a partir de uma máquina de costura antiga, como um teste para melhor entendimento das mecânicas da máquina de costura. Durante a processo percebi como as linhas me lembravam ondas do mar, a partir dessa percepção, lembrei-me de uma música que teve um impacto profundo em minha vida, especialmente durante minha fase universitária. O título da música é “*Whalien 52*” (2015) e foi lançada pelo grupo sul-coreano BTS. Essa música faz uma analogia entre o ser humano e a baleia dos 52 hertz, famosa mundialmente por ser considerada a baleia mais solitária do mundo, pois seu canto está na frequência de 52 Hz o que torna sua vocalização muito mais alta do que a maioria das baleias, que variam entre 15 a 20 Hz, tornando-a assim inaudível aos outros de sua espécie.

O título da canção combina duas palavras em inglês, “*Whale*” (baleia) e “*Alien*” (alienígena), criando uma expressão poética que retrata a baleia como um ser de outro mundo, estranho e excluído por não se encaixar em nenhuma espécie conhecida, devido à anomalia mencionada. No decorrer da canção eles descrevem a solidão sofrida por essa figura concomitante - ao mesmo tempo em que se descrevem os sentimentos da baleia, se descrevem os sentimentos dos próprios cantores. A letra se conectou muito aos sentimentos vivenciados durante o início da minha vida acadêmica, que acabaram se

intensificando durante a pandemia da COVID-19 e persistem até hoje em meu consciente. Devido à ansiedade, o pânico e a baixa autoestima, a solidão sempre foi minha companheira e que permaneceu ao meu lado todos os dias. Os sentimentos e emoções descritas na música se parecem muito com as minhas experiências emocionais, a frase “uma criança solitária no oceano” desperta fortes lembranças da minha infância, uma vez que fui filha única e passei grande parte do tempo sozinha naquela época.

Figura 7 - Gabriele Justino Sommer. 6ª página parte um, dois e três, 2023.



Fonte: Detalhe do livro de artista, acervo pessoal.

A menor parte da obra é um retalho de tecido sintético e possui algumas costuras retas e onduladas na cor azul marinho que se assemelham muito às ondas do mar, que foram produzidas por mim em uma máquina de costura Singer antiga. Esse retalho foi seccionado em quatro partes e cada separação apresenta uma ilustração de uma baleia feita de xilogravura em EVA. O tecido de base foi tingido com corante sintético para tecido, pois infelizmente a primeira opção de tingimento que seria através do meio natural é inviável, pois a planta *Indigofera tinctoria L.*, comumente conhecida como Índigo, tem sua origem no sudeste asiático. Em decorrência disso é um pigmento extremamente caro e de difícil disponibilidade. O verso do tecido apresenta impressões em xilogravura de ondas que sufocam e afogam a página e o telespectador. As quatro páginas não possuem nenhum texto e induzem o observador a contemplar e entrar em estado de introspecção sobre seu significado, neste ponto a obra é melhor observada no sentido vertical seguindo o fluxo do próprio trabalho.

A página seguinte foi feita no formato da planta *Caladium*, foram utilizadas diversas referências dessa planta e suas múltiplas variedades presente no gênero *Caladium*, como por exemplo, a *Caladium Thai Beauty*, *Caladium Spring Fling* e *Caladium Florida Sweetheart*. A planta foi escolhida devido sua semelhança com os tecidos que foram encontrados, pois possuem uma transparência muito característica deste gênero botânico, as folhas são bem delicadas e finas, assim como o tule lilás utilizado na produção da página. Apesar de terem sido utilizadas plantas como referência, os tecidos e linhas selecionados apresentam cores vibrantes e brilhantes. Durante a construção da peça, foi adicionado um papel vegetal, criando um efeito sonoro que remete ao som das folhas secas e mortas, simbolizando a fragilidade da peça, da folha e do poema inscrito no verso do tecido: “A existência é como uma folha... delicada e efêmera”.

A próxima sequência de páginas, em primeira instância, busca um respiro momentâneo na questão temática, somos conduzidos a contemplar os detalhes e a delicadeza do tecido, dos bordados e das linhas existentes na página (Figura 37), ao virá-la temos um texto costurado com linhas de bordado em vermelho sangue com os dizeres: “*a cada momento que passa sigo me afogando em minhas próprias lágrimas e aflições contando as estrelas no céu e implorando que essa tortura se extinga*”, O livro aborda temas como ansiedade, autossabotagem e depressão, explorando como essas questões podem passar despercebidas aos olhos de todos, ocultando o sofrimento vivenciado por aqueles que enfrentam essas condições. Em consonância com essa ideia, o verso do poema encontra-se oculto por trás de uma estampa floral delicada, ilustrando a maneira pela qual as pessoas mascaram suas dores através de sorrisos, piadas e bom humor, mesmo estando, na realidade, imersas em profunda tristeza e frequentemente sem vislumbrar uma saída dessas doenças.

O poema é de característica autoral e fala principalmente sobre minha depressão e ansiedade, as sensações e emoções que sinto quando elas estão em seu ápice, no trecho “*contando as estrelas no céu e implorando que essa tortura se extinga*” me transporta para as memórias de quando era criança e meu

hábito de olhar a lua e as estrelas como forma de me acalmar e conseguir processar esses sentimentos sozinha, através da contemplação ao olhar seus brilhos na escuridão, pois era muito reclusa com meus pais sobre minhas emoções, inseguranças e preocupações.

Devido a isso, foram escolhidos fios dourados e delicados para costurar os bordados já existentes no tecido e produzir também as estrelas, fazendo uma ligação com o poema e as experiências que eu, Gabriele, vivi na infância. O poema é cercado por formas orgânicas e sinuosas, evocando a imagem de ondas ou rochas, como um penhasco em meio ao mar aberto. À medida que as palavras se entrelaçam com essas formas, têm-se a sensação de que estão afundando ou sendo comprimidas, criando uma atmosfera de claustrofobia. Ao virar o tecido nos depararmos com a última página referente a este poema, somos transportados novamente a entrar em um estado de contemplação, mas desta vez como um olhar totalmente diferente do inicial, pois ele nos incita a ver não apenas a delicadeza do tecido e bordados, mas também a delicadeza e fragilidade presentes ao ato de existir.

Durante a criação do livro, um poema autoral adicional surgiu, abordando a reação e os sentimentos vivenciados durante um episódio de pânico. A intenção era transmitir as sensações desencadeadas, como a inundação da mente e do corpo com pensamentos negativos e destrutivos, tanto por meio do texto quanto das ilustrações. É fundamental destacar que, embora a ansiedade seja uma das condições mais prevalentes atualmente, há uma escassez de discussões e produções sobre esse tema específico. Todas as páginas relacionadas a esse poema foram impressas em papel. A primeira e última página consistem em fotografias de aquarelas, enquanto as demais páginas são ilustrações digitais que seguem a mesma atmosfera visual, conferindo ao livro uma qualidade visceral e sombria.

O poema “sinto o medo invadir minhas entranhas, o ser esvaír de meus pulmões, meus demônios se aproximando a cada batido do meu coração, o pânico invadindo minhas veias, olho a estrada a minha frente, vejo-a como minha única saída, só me resta deitar em seu quente chão” é desenvolvido

em oito páginas. A ilustração que compõe a primeira e a última página do livro de artista foi criada por meio de experimentações com aquarela e posteriormente transferida para o computador para edição, onde utilizei o aplicativo Photoshop para realizar ajustes de cores, contraste e adicionar uma técnica que costumo utilizar muito em meus trabalhos fotográficos, a dupla exposição.

A arte utilizada nessa produção foi confeccionada a partir de uma única fotografia. Ela contém uma paleta de cores com diversas tonalidades de vermelho, que se assemelham muito com sangue e entranhas, dando um indício do assunto que será abordado. Nela, está o gosto por produzir ilustrações semelhantes ao teste psicológico de Rorschach, que compreende em uma série de cartões contendo manchas de tinta dobradas sobre si mesma que formam uma imagem espelhada. Os psicólogos chamam esse teste de projetivo, pois ao mostrar uma imagem sem sentido como uma mancha de tinta, o cérebro irá trabalhar para criar algum significado e explicação a esse estímulo, dando uma indicação de como elas se veem e veem o mundo.

Na página seguinte, o poema tem início com as primeiras linhas escritas de maneira convencional. No entanto, à medida que avançamos na leitura, as palavras são diagramadas de forma não tradicional, transmitindo a sensação de movimento e perda gradual do ritmo. Essa escolha busca reproduzir as sensações experimentadas durante um ataque de pânico, que gradualmente perturbam o fluxo natural das coisas. A página ao lado também utiliza a técnica fotográfica de sobreposição, ela transmite o estado emocional e físico que o pânico me causa, a sensação eminente de morte e o desespero que sinto, onde a cada momento minha mente se torna um verdadeiro caos.

Na próxima página há um recorte de tecido em formato de um coração anatômico fixado sobre uma ilustração. O tecido usado foi um veludo de cor vermelho sangue, com bordados em linhas cor terracota e vinho para delimitar melhor o formato do coração, com pequenos pingentes que se assemelham muito a gotas de sangue escorrendo pelo tecido.

O poema e a ilustração exploram o ápice do transtorno, quando cada batida do coração intensifica a sensação de desconforto. É como se uma massa negra de pensamentos negativos encobrisse a mente e o coração, causando uma dor física devido ao alto nível de ansiedade, como se o coração estivesse prestes a se despedaçar a qualquer momento. Os pingentes cilíndricos vermelhos pendurados representam lágrimas de dor e emoções intensas experimentadas nesse momento, como se escorressem para fora do peito como uma forma de externalizar essa dor. A página ao lado dá continuidade ao pensamento anterior só que de uma maneira mais simplificada, apenas com linhas coloridas de forma bem inteligível representando as veias do corpo por onde passa o sangue. Podemos perceber que as veias na parte superior estão desconexas da parte inferior, simbolizando como os sentidos e as emoções se tornam totalmente desassociados com o resto do corpo nesses momentos.

Ao passar para a próxima página, encontramos uma ilustração mais simples que representa o momento em que tudo parece não ter mais importância, onde o único desejo é que essa dor termine. É um momento perigoso, pois é quando os pensamentos suicidas podem surgir como uma tentativa de escapar dessa dor avassaladora e dos intensos sentimentos do momento. Na próxima ilustração, o destaque é dado à flor lírio-aranha-vermelho (*lycoris radiata*), também conhecida como *higanbana* () no Japão.

Essa flor é simbolicamente associada ao equinócio de outono e possui uma forte conotação de morte, dor e saudade na cultura japonesa. É comum encontrá-la plantada nos arredores de túmulos, onde se acredita que afasta os animais. Na ilustração, a flor lírio-aranha-vermelho simboliza a experiência de morte e dor, durante um episódio de ataque de pânico. Surpreendentemente, ela floresce em um local inusitado, a rua, o que representa a ocorrência desses ataques em ambientes agitados, como festas ou lugares lotados. Quando isso acontece, procuro um refúgio na calçada ou na rua para encontrar tranquilidade. No entanto, a rua torna-se um palco perigoso para os pensamentos durante esses momentos intensos.

As páginas seguintes foram produzidas enquanto estava em minha cidade natal, revisitando-a tive uma intensa introspecção sobre minha família, meu lar e sobre mim mesma. Essas páginas apresentam uma abordagem completamente distinta em relação às anteriores, que retratavam a cidade de Bauru, onde resido atualmente. A fotografia foi capturada no jardim de minha casa, um lugar que evoca uma profunda reconexão com a natureza. A casa, onde passei minha infância e ainda moro, está cercada por plantas exuberantes e está situada próxima a uma área com uma rica diversidade de vida selvagem, incluindo onças, capivaras, tucanos e outros animais.

Sempre que volto a essa casa, sinto-me plenamente imersa na natureza. As conexões presentes nesse ambiente são muito grandes, sempre visito meus pais me sinto renovada ao voltar para lá, foi nesse lugar que cresci e amadureci, vivenciando momentos extraordinários e desafiadores. Apesar das adversidades, essas experiências não abalaram meu vínculo emocional com o local. Permaneço conectada a ele, lembrando tanto dos momentos maravilhosos quanto dos desafios superados, pois ambos contribuíram para o meu crescimento pessoal.

A ideia inicial dessas páginas era ter uma frase bordada no centro da fotografia, porém quis manter a atenção apenas para os elementos já presentes nela, a fim de deixar o espectador tirar suas próprias conclusões e ter seu próprio momento de introspecção. Os dizeres que iriam ser bordados eram “Floresço ou repouso sob o âmago da vida”, pois, a casa dos meus pais ocupa um lugar íntimo e essencial na minha vida. A imagem central da fotografia possui semelhanças com uma vagina, um órgão reconhecido como símbolo da criação da vida e do cerne de nossa existência. Desejo transmitir a sensação de retorno ao lar e à minha essência, um espaço que nutre a alma e a mente, permitindo o florescimento do ser humano. Após ponderar sobre as opções, decidi que a palavra “âmago” seria suficiente para expressar o que desejo transmitir. A ilustração fotográfica foi executada também com a técnica fotográfica de sobreposição de imagens, impressa em papel e tratada

digitalmente com um programa de fotos para dar a ela um ar mais vintage e antigo como se tivesse acabado de ser tirada de um antigo álbum de família.

O próximo conjunto de páginas constitui a obra final, composto por dois elementos independentes, mas que se complementam para dar sentido à obra. A ilustração em papel é uma impressão fotográfica que utiliza a técnica de sobreposição de imagens mencionada anteriormente. A paisagem foi impressa em papel vegetal, o qual cria uma transparência que permite observar a impressão de gravura em segundo plano, concluindo assim a criação. A imagem de fundo foi gravada em uma placa de EVA, juntamente com as demais ilustrações. O tecido no qual a ilustração foi gravada foi tingido com o pigmento extraído da planta *Clitoria ternatea*. Essa escolha de tingimento foi feita com o objetivo principal de criar um fundo para a ilustração, proporcionando maior clareza e nitidez ao observador, ao mesmo tempo em que preserva a transparência e a intenção original da obra.

Os desenhos gravados retratam duas mãos em uma busca incansável por se sustentarem, porém, sem alcançar o sucesso desejado. A temática discutida nessas páginas gira em torno do *burnout* ou síndrome do esgotamento profissional que é um distúrbio emocional causado devido às situações desgastantes na vida profissional e/ou acadêmica, em decorrência da constante pressão, competitividade e responsabilidades. Diante da pandemia da COVID-19 e da necessidade de se adaptar a uma nova realidade cotidiana, o que resultou em atrasos, acúmulos de tarefas e suspensões de aulas, minha situação de *burnout* agravou-se, impactando não apenas minha vida pessoal, mas também minha vida acadêmica.

O que trouxe diversas complicações durante a produção do livro. Essas dificuldades foram especialmente influenciadas pela minha saúde mental. A ilustração retrata exatamente a sensação que sentia nesses momentos, sentia-me como se estivesse sendo submersa em um mar de emoções angustiantes, sufocada por responsabilidades e cobranças que eu mesma impunha, tanto em relação ao meu desempenho acadêmico quanto ao meu papel como

filha. Essa sensação de afundamento era avassaladora, fazendo-me lutar para manter a cabeça acima da água e lidar com o peso dessas expectativas.

As mãos impressas são derivadas de uma única ilustração, simbolizando os momentos desafiadores em que só posso contar comigo mesma como minha própria fonte de apoio. Essa representação visual evoca a ideia de enfrentar adversidades e encontrar força interior para superar obstáculos, lembrando-me da importância de confiar em minha própria capacidade para seguir em frente. O cenário fotográfico criado em papel vegetal é resultado de uma imagem de uma paisagem com árvores capturada em minha cidade natal. Em grande parte das minhas fotografias que utilizo a técnica de sobreposição, escolho paisagens naturais, pois possuo uma profunda conexão emocional com esses ambientes. Essas paisagens naturais representam para mim um vínculo significativo, evocando sentimentos de serenidade, pertencimento e conexão com a natureza, através de retoques no programa Adobe Photoshop transformei o azul presente no céu em uma cor mais intensa e com maior contraste, criando um ambiente mais imersivo e melancólico para complementar a temática discutida.

As últimas páginas do meu livro de artista, as quais possuem um ar mais contemplativo do que as páginas anteriores, como um momento de respiro após a catarse emocional, transcrever meus sentimentos através de imagens e palavras ajudaram muito a entendê-los melhor. A arte é como uma válvula de escape para esses momentos, como forma de expressar tudo o que se está sentindo. A imagem utilizada nesta ilustração retrata a vista diária da minha casa em Araras. Para mim, o pôr do sol e o crepúsculo são os momentos mais especiais do dia. Sou constantemente presenteada com visões deslumbrantes e coloridas de uma paisagem carregada de emoção. Além disso, esses momentos prenunciam a chegada da noite, um período em que me sinto mais confortável e contemplativa.

Cada pôr do sol é uma experiência única e enriquecedora, proporcionando um verdadeiro deleite para os meus sentidos e nutrindo minha alma com beleza e tranquilidade. O tratamento aplicado à fotografia foi

cuidadosamente elaborado para criar uma atmosfera atemporal, carregada de lembranças. Inspirado nos retratos de um álbum de família, busca evocar sentimentos profundos e recordações vívidas de nossa jornada como indivíduos. A intenção é despertar uma conexão emocional, transportando-nos para momentos significativos e repletos de significado em nossa história pessoal. O resultado é uma imagem que transcende o tempo e nos convida a refletir sobre quem somos, de onde viemos e como essas memórias moldam nossa identidade.

Referências

CAMPOS, Augusto de. **Augusto de Campos**: Obras. [S. l.], s.d. Disponível em: <https://www.augustodecampos.com.br/obras.htm>. Acesso em: 19 dez 2022.

DRUCKER, Johanna. **Bio**. [S. l.], s.d. Disponível em: <http://www.johannadrucker.net/bio.html>. Acesso em: 5 mar 2023.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Livro de artista**. In: Livro de artista. [S. l.], 13 out. 2020. Disponível em: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14340/livro-de-artista?gclid=CjwKCAjwrqqSBhBbEiwAlQeqGpGN6OKnnEoKkOe89chZZ8bOhuYLHXrDncFVuO9EI9hUljaRFYcpGxoCoH4QAvD_BwE. Acesso em: 18 jun 2022.

FABRIS, Annateresa. **O Livro de Artista**: da ilustração ao objeto. Minas Gerais: Perspectiva, 22 fev. 2009. Disponível em: <https://seminariolivrodeartista.wordpress.com/2009/09/22/o-livro-de-artista-da-ilustracao-ao-objeto/>. Acesso em: 23 jan 2023.

FABRIS, Annateresa; COSTA, Cacilda Teixeira da. **Tendências do Livro de Artista no Brasil**. São Paulo: Editora do C. C. S. P., 1985. Disponível em: https://monoskop.org/images/0/od/Tendencias_do_livro_de_artista_no_Brazil_1985.pdf. Acesso em: 16 nov 2022.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. 1ª. ed. São Paulo: Editora G. Gili, Ltda, 2014. 541 p. Disponível em: <https://loja.ecolebrasil.com/wp-content/uploads/2019/09/Psicologia-das-Cores2.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2023.

JULIO Plaza. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3438/julio-plaza>. Acesso em: 26 mai 2023. Verbete da Enciclopédia.

NANNINI, Priscilla Barranqueiros Ramos. Livro de artista e o universo das palavras: Mira Schendel e Torres Garcías. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL PENSAR E REPENSAR A AMÉRICA LATINA, II., 2016, Brasil. **Livro de artista e o universo das palavras**: Mira Schendel e Torres García [...]. [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em: <https://sites.usp.br/prolam/>

wp-content/uploads/sites/35/2016/12/NANNINI_SP12-Anais-do-II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf. Acesso em: 14 mar 2023.

PERSPECTIVA. **Julio Plaza – O livro como forma de Arte.** *In:* O livro como forma de Arte. [S. l.]: Perspectiva, 5 set. 2009. Disponível em: 68 <https://seminariolivredeartista.wordpress.com/2009/09/05/julio-plaza-o-livro-comoforma-de-arte/>. Acesso em: 18 jun 2022.

PERSPECTIVA. **Livro de artista – brevíssima história.** *In:* Brevíssima história. [S. l.]: Perspectiva, 7 set. 2009. Disponível em: <https://seminariolivredeartista.wordpress.com/2009/09/07/livro-de-artista-brevissima-historia/>. Acesso em: 25 jun 2022.

PERSPECTIVA. **O Livro de Artista: da ilustração ao objeto.** *In:* Annateresa Fabris. [S. l.]: Perspectiva, 22 set. 2009. Disponível em: <https://seminariolivredeartista.wordpress.com/2009/09/22/o-livro-de-artista-da-ilustracao-ao-objeto/>. Acesso em: 25 jun 2022.

PHILLPOT, Clive. **An ABC of Artists' Books Collection.** Art Documentation, [s. l.], Dezembro 1982. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/adx.1.6.27947017?journalCode=adx>. Acesso em: 13 mai 2023.

PLAZA, Julio. **Arte em São Paulo: O livro como forma de arte (I).** São Paulo: [s. n.], Abril 1982. v. 6. Disponível em: http://www.mac.usp.br/mac/expos/2013/julio_plaza/pdfs/o_livro_como_forma_de_arteI.pdf. Acesso em: 7 dez 2022.

SILVEIRA, P. **Definições e indefinições do livro de artista.** *In:* A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, pp. 25-71. ISBN 978-85-386-0390-0. Disponível em doi: 10.7476/9788538603900. Disponível também em ePUB: <http://books.scielo.org/id/2pwn4/epub/silveira-9788538603900.epub>.